



COMO COMEÇAR UMA GUERRA?

O que acontece no outro lado do globo se esta borboleta bater as asas?

Questão colocada num seminário ...

Para aqueles que gostam de ler um pouco sobre ciência, é relativamente fácil apercebermo-nos que estamos, na citação de cima, a fazer uma referência à teoria do Caos. Não vamos aqui explicar aqui em detalhe o que é a teoria, mas podemos sinteticamente referir que ela defende que o acaso não existe, tudo está interligado e que portanto algo, aparentemente inócuo pode despoletar acções com consequência imprevisíveis em um lugar remoto.

Fez cem anos, dias atrás que começou a I Grande Guerra mundial. É importante lembrar isso, entender como começou e o porquê.

- Já fez tantos anos ... e estamos de férias ... e tudo agora é diferente ... bolas. Para quê perder tempo com isto?

A frase que aqui usei, e que é uma síntese de alguns comentários havidos em conversas que tive com várias pessoas sobre este tema, tem quatro afirmações importantes.

Efectivamente já fez bastante tempo, concretamente um século, efectivamente uma parte de nós está de férias, ou semi-férias, ou numa situação um pouco menos tensa (alguns nem por isso ... infelizmente), e por último, tudo é efectivamente diferente. Mas estas quatro afirmações também põe-me quatro questões muito importantes.

1. Uma consciência da história, e do que poderá estar na génese de alguns acontecimentos, enquadrando-os nos cenários, políticos, geográficos, religiosos, económicos, tecnológicos e psicológicas e na interligação entre eles é importante na medida em que nos dão pontos de referência, pois ainda que relativamente, dado o distanciamento no tempo e o enquadramento cultural, esse conhecimento, esses pontos de referência, poderão fazer a diferença e nos ajudem a antever o que se poderá passar hoje, ou a muito breve prazo, e assim minimizar sofrimentos.
2. A apatia que vivemos, pela criação de uma realidade ficcional alimentada pela TV, a que não é alheia políticas de “encaminhamento mental” permite que se veja a morte em directo através dos ecrãs e não sabemos diferenciar entre o que é o filme e o real. Acreditamos que as coisas acontecem somente aos outros e isto está bem patente no rosto dos nova-iorquinos quando assistiram ao ataque às torres gémeas. Bombardeamentos lá? Mas isso não é possível ... só nos filmes ... Será? Lembremos que os elos fracos são mais vulneráveis ... acho que temos nos desleixado demais. Não acham?
3. Agora é efectivamente, tudo diferente, e por esse mesmo motivo maior deve ser a nossa atenção pois os sintomas poderão passar despercebidos. Pensar que estamos protegidos nesta Europa ... ela nunca esteve tão exposta ... tão amolecida e tão virginalmente “tolerante”.



4. Quando o ladrão rouba a casa, mudam-se as fechaduras. Mas o mal já se instalou ... Todos já gritam que há que mudar ... mas porquê deixar as coisas chegar ao ponto de rotura?

Observando o mundo vemos que os focos de tensão mantêm-se mesmo que não falemos neles, pois a atenção dos media “encaminha-nos” para outra paragens.

A hipocrisia mundial dos poderes mostra que foi necessário haver ameaça aos depósitos petrolíferos, no Iraque, para que a “consciência humanitária” com as minorias religiosas levasse ao bombardeamento dos fanáticos do EI, grupo que pretende instalar o Califado (note-se que eles não vão, nem querem ficar pelo Iraque e Síria ... isto é uma visão mundial de tomada do poder!). Morrem decapitadas todos os dias pessoas por pertencerem a minorias, mas como na estratégia de destabilização regional, ou de alteração da relação de poderes na zona, há necessidade de armar uns grupos de “democratas” (faz lembrar os Talibãs que lutavam contra a ocupação militar dos russos), não faz mal que os danos colaterais se resumam a uns a serem tratados como gado em matador, como se vê em algumas fotos, em que os penduram pelos pés e os degolam com requintes de bestialidade e festim pelo meio.

O aumento da tensão “religiosa” (que de religiosa nada tem) entre cristãos e do expansionismo militante de fanáticos “islâmicos” (que até muçulmanos perseguem, recorde-se que os sufis, místicos islâmicos sempre sofreram a tortura e a morte às mão de “irmãos” muçulmanos), pode ser usado para criar na Europa situações graves que levem países, com uma grande taxa de população muçulmana, a terem problemas muito graves. Recorde-se que alguns dos fanáticos muçulmanos, mais extremistas até são ocidentais ...

Os interesses económicos que estão por trás das verdadeiras causas do falso problema da Ucrânia, podem vir a gerar problemas que saiam (ou talvez não) de controlo e acabem por deixar de ser esquemas financeiros para virem a ser mesmo problemas militares e o levar a acções desesperadas numa escalada muito perigosa ...

As tensões regionais entre a Índia e o Paquistão e o problema de Cachemira, e de infiltração do Paquistão por fanáticos talibãs, não deixou de existir. O crescente poder económico da Índia pode vir a ser visto como uma ameaça pelo Paquistão e ser manipulado pelos grupos que querem controlar a máquina nuclear desse país ...

O aumento da capacidade militar cibernética/informática da Rússia e da China é hoje uma realidade que não é subestimada pelos especialistas. A dependência perante a tecnologia e a possibilidade de um ciber-ataque que paralise as sociedades ocidentais faz-nos rir porque é um paradoxo. Os inícios da internet visavam impedir a falta de comunicação perante um ataque nuclear e agora é essa rede, arma de defesa, que se tornou a arma de agressão.

A bancarrota financeira da Argentina que passou de milagre económica a pesadelo pode levar a processos de destabilização regional e ao voltar de tensões na América latina ... Só lá?



A Europa solidária é uma fantasia pois ela é na realidade uma guerra surda pelo poder hegemónico por parte de alguns países e em particular da Alemanha, e quando os problemas forem mesmo sérios aquilo que é a irmandade de países sofrerá tal como aconteceu com a antiga Jugoslávia que vivia colada pela fita-cola de uma unidade inexistente levando à barbárie a que assistimos durante a guerra de destruição desses país.

As novas guerras regionais que alimentam a III Grande Guerra, já em curso, irão travar-se por razões mais “mesquinhas” como a água ... minérios para produção de componentes para os telemóveis (o processo de desertificação da África Central – Vejam onde tem havido o surtos de Ébola e os massacres e quais os países produtores do minério).

A política de investigação e de produção de matéria para o trans-humanismo não tem falta de dinheiro e a ideia de que, quem tem dinheiro e poder tem o direito de viver mais, mesmo eternamente, é acarinhada por investigadores “científicos” que se vendem, gerando a ideia de duas humanidades onde a dos pobres é dispensável e até incomoda.

Vivemos um mundo cada vez mais globalizado e a borboleta bate as asas algures. Um dia destes o furacão rebenta ... Somos cada vez mais interdependentes. As fronteiras deixaram de existir. Já não estamos isolados no nosso Portugal à beira mar plantado. Qualquer um pode, querendo ou não, começar facilmente uma guerra. Infelizmente um dos elementos necessários para haver uma guerra é haver quem queira ir para a guerra para morrer ... a chamada carne para canhão ... Há demasiada alienação. A liberdade é tão frágil e as desculpas para começar muitas.

Saber ler e escrever não é sinónimo de discernimento. Estar calado e distraído é sinónimo de irresponsabilidade. Há que ter a capacidade de separar o trigo do joio e entender que começar uma guerra é fácil ... terminá-la nem por isso.

Não sou pessimista. Acredito que há hipóteses ... Se houver consciência dos perigos.

LER:

<http://www.mundodosfilosofos.com.br/vanderlei5.htm>

<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI220844-17773,00-GADGETS+DE+SANGUE.html>

Lisboa, 12 de Agosto de 2014

P.S. Peço desculpa pelo texto ... mas tempo de férias implica não ter tempo para grandes revisões.